



ANTONIO CRUZ-ABR

Reforma no Código Florestal é aprovada por comissão na Câmara dos Deputados

Manifestantes realizaram enterro simbólico em frente ao Congresso Nacional, em Brasília • P.18



REINALDO RIBEIRO

Turismo quilombola

Encontro Nacional impulsiona atividades turísticas sustentáveis nas comunidades, com geração de renda • P.6



GABRIEL CORTES

Manejo do mundo

Durante o seminário, em São Gabriel da Cachoeira, velhos conhecedores indígenas conversam sobre suas percepções de ciclos de vida • P.4



KATIA ONO/ISA

Cinco variedades de melancia, do projeto Mikata, estão entre os alimentos que compõem a merenda da Escola Central Kamadu

Roça experimental cativa jovens Yudja

O Projeto Mikata é uma proposta do povo Yudja, que habita o Parque Indígena do Xingu (MT), liderada pelos jovens, em especial o professor Mahurimã, da aldeia Paksamba. Trata-se de uma roça experimental voltada à produção de alimentos para merenda escolar, aliada ao resgate de técnicas tradicionais de feitiço de roça e o desenvolvimento de um banco de variedades genéticas. A ação foi motivada pela preocupação de alguns jovens que perceberam a falta de interesse de sua geração pela agricultura, sem perceber as perdas de diversidade e qualidade dos alimentos que consomem.

Os Projetos de Manejo e de Educação do Programa Xingu do ISA acompanham e estimulam as reflexões e ações no sentido de buscar soluções para essas questões. Posteriormente por ocasião da realização do curso “Reconhecendo e Valorizando as Iniciativas Socioambientais Indígenas”, a proposta ganhou mais adeptos entre os jovens e entrou com mais força na Escola Central Kamadu, dos Yudja.

O desenvolvimento da atividade foi planejado no curso e detalhado durante a oficina para finalização do Projeto Político Pedagógico da escola, sendo incorporado como um projeto de estudo das escolas das aldeias Tuba Tuba e Paksamba e tendo

como foco os alunos da terceira e quarta etapas. A experiência foi centrada na ciência sobre os ciclos da natureza, no conhecimento sobre plantas indicadoras de tipos de solo, da manipulação do fogo, da seleção das plantas, do trato das sementes, das regras culturais e do calendário baseado nos sinais da natureza.

A Escola Central Kamadu seguiu como percurso metodológico, a vivência da prática como ponto de partida para a construção do conhecimento. O processo de sistematização das informações procurou organizar o conhecimento assimilado pelos jovens e o aprendizado na língua materna escrita, matemática, ciência e geografia.

A roça Mikata reuniu 49 variedades de 27 recursos Yudja, com destaque para nove variedades de banana e cinco de melancia. Os produtos dessa roça integram a merenda escolar nas aldeias Paksamba e Tuba Tuba. Por meio dessa ação, a escola permitiu o acesso à terras mais férteis que estão distantes, apoiando a manutenção das variedades genéticas no que diz respeito ao seu acesso e manejo. E incentivou, também, a transmissão aos mais jovens dos conhecimentos associados a tais recursos, e da agricultura Yudja.

Diagnóstico revela condições de saúde na Terra do Meio (PA)

No final de abril e início de maio, a equipe do Programa Xingu que atua na Terra do Meio (PA) promoveu a realização de diagnóstico de saúde das reservas extrativistas Iriri e Riozinho do Anfrísio, a cargo do dr. Douglas Rodrigues, da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), feito com base em conversas em 22 localidades da região e em 244 consultas médicas. Também foram realizados atendimentos odontológicos e vacinação. Entre as observações feitas pelo médico da Unifesp algumas são particularmente preocupantes: a malária está alarmante, com o registro de casos frequentes e a ausência de controle sanitário. Rodrigues considera que seriam necessárias duas

borrifações ao ano para prevenir a doença, além da contratação de mais microscopistas e agentes de saúde. A ocorrência de hipertensão arterial entre muitos adultos vem causando doenças e até mortes na região, tirando a disposição para o trabalho de muitos moradores. A desnutrição infantil registrada em algumas das localidades é grave, indicando a necessidade de um trabalho mais intensivo dos agentes comunitários, principalmente no Rio Iriri. Já o Riozinho do Anfrísio tem crianças mais saudáveis. A partir do relatório final a ser entregue pelo médico será possível à Secretaria de Saúde de Altamira tomar providências preventivas.

Nesse período aconteceu também o 1º Curso de Formação de Professores e a 6ª Reunião do conselho das duas reservas extrativistas. O curso foi conduzido por consultores contratados pelo ISA, por integrantes do Movimento de Mulheres/FVPP e do ICMBio, com o acompanhamento da Secretaria Municipal de Educação de Altamira. O coordenador adjunto do Programa Xingu, Marcelo Salazar, que participou das atividades, avaliou ao final da reunião dos conselhos, que o trabalho nas Resex está começando a se consolidar e a fluir melhor. Mesmo com as dificuldades enfrentadas, a população parece mais consciente dos caminhos do desenvolvimento com a preservação da floresta e da cultura extrativista.



Dr. Douglas, da Unifesp, em atendimento na Resex do Rio Iriri

MARCELO SALAZAR/ISA

Curtas

MILHARES ABRAÇAM A GUARAPIRANGA, EM SÃO PAULO. A Rede de Olho nos Mananciais, que reúne ONGs ambientalistas, movimentos sociais, universidades, instituições religiosas e diversas organizações da sociedade civil, promoveu no dia 30 de maio, a quinta edição do Abraço da Guarapiranga. Realizado em três locais diferentes às margens da represa, o evento, reuniu cerca de seis mil pessoas entre o Parque da Barragem na Av. Robert Kennedy, o Solo Sagrado em Parelheiros e o Parque Ecológico do Guarapiranga, no Jardim Ângela. O sol, que brilhou o dia todo, colaborou para o sucesso do simbólico gesto.



JULIA TAVO

Na barragem participantes abraçam a represa



Manejo do mundo norteia formação superior indígena no Rio Negro

Lideranças indígenas do lado brasileiro e colombiano do Rio Negro, pesquisadores indígenas e não indígenas reuniram-se em abril, na maloca da Foirn, em São Gabriel da Cachoeira, no noroeste amazônico, para participar do seminário “Manejo do Mundo e o Ensino Superior Indígena”. Promovido pela Foirn e pelo ISA, com o apoio do Instituto Arapyau, este foi o segundo de uma série de seminários voltados a fazer propostas para uma formação superior



FOTOS: GABRIEL CORTES

SAIBA MAIS SOBRE AS ETAPAS DO SEMINÁRIO:

www.socioambiental.org/nsa/detalhe?id=3057
e também 3059, 3060, 3063



No alto, agentes de manejo mostram calendário ecológico; falantes de Tukano levantam propostas (acima)

indígena no Rio Negro. Apresentações, conversas e debates, marcaram os cinco dias de duração do evento, cujo objetivo foi propiciar o diálogo entre várias concepções indígenas sobre manejo de recursos naturais, práticas de observação da natureza na constituição de calendários ecológicos, ciclo de vida dos animais e das pessoas; práticas de manejo ambiental que vêm sendo desenvolvidas pelas associações indígenas locais, discursos e articulações com diversos atores sejam cientistas, políticos e sociedade civil em torno da questão da mudança climática.

Na abertura do seminário, o coordenador do Programa Rio Negro, Beto Ricardo, lembrou as conquistas do movimento indígena da Bacia do Rio Negro junto com seus parceiros ao longo de anos de luta pelo reconhecimento e valorização do conhecimento indígena, principalmente por meio das escolas-piloto. Disse ainda que não foi fácil superar tantos desafios e descrença para construir novas propostas que servissem de modelos para se tornarem política pública específica e diferenciada para os povos indígenas. As escolas diferenciadas de ensino fundamental e médio no Rio Negro – por exemplo, Tuyuka, Baniwa e Tukano – são um exemplo a ser seguido.

Um dos pontos altos do seminário foi a conversa com os velhos sábios que apresentaram suas concepções sobre os ciclos de vida e as mudanças climáticas globais. Pesquisas envolvendo de paisagens florestais a manejo de recursos naturais como a pesca, por exemplo, foram apresentadas e debatidas. No final, levando em conta os avanços, desafios e dilemas que surgiram no decorrer do evento, os índios relacionaram o que querem e o que não querem em relação ao ensino superior do Rio Negro. Entre os itens considerados fundamentais por eles estão: ensino inovador, totalmente conectado com às comunidades indígenas e ministrado em mais de uma língua.

Sociedade civil elabora propostas para reedição de decreto de pesca do Rio Negro

Representantes de várias organizações não governamentais e órgãos do governo do Amazonas e de municípios da Bacia do Rio Negro se reuniram em junho, em Barcelos, para discutir medidas de ordenamento pesqueiro e fazer propostas para a reedição do decreto, que em 2001 regulamentou a pesca na bacia. Construído sem consulta pública, o decreto acabou sendo mal visto pela população local que entende que ele foi criado para privilegiar apenas a atividade da pesca esportiva, sem nunca ter executado nenhuma medida de estudo e ordenamento da atividade, impondo regras e restrições para a pesca artesanal e comercial, atividades das mais importantes para a subsistência e geração de renda na região. O prazo de vigência desse primeiro decreto expirou em 2006. Revisado em 2007, foi reeditado

com algumas poucas alterações, e sem debate com os atores locais. Sua vigência termina em setembro próximo. A Secretaria de Estado do Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável do Amazonas realizou reuniões de consulta – rápidas e sem prévia mobilização. Foi consenso nas reuniões que é necessária alguma regulamentação por parte do Estado do Amazonas para garantir a sustentabilidade do pescado e da população do Rio Negro. Isso, porém, só será alcançado se forem implementadas partes fundamentais como os estudos sobre o estoque pesqueiro, o monitoramento e a fiscalização da pesca. O documento elaborado no âmbito da Rede Rio Negro (ISA, FVA, Acimrn, Asiba e Foirn), contém propostas para que o novo decreto incorpore e respeite as recomendações dos principais atores locais.

Rede Juçara produz diagnóstico e troca de experiências

A Rede Juçara, que congrega 14 instituições governamentais, não governamentais (o ISA entre elas) e de pesquisa, que atuam em quatro estados brasileiros (SP, SC, PR e RS), na área de abrangência da Mata Atlântica, produziu extenso e aprofundado diagnóstico da legislação sobre a palmeira. De um lado, o estudo revelou as contradições internas às leis vigentes e, de outro, o “caminho das pedras” para viabilizar o uso sustentável dos subprodutos da palmeira. Um deles é a polpa do fruto da juçara que poderá compor receitas originais e que tenham boa aceitação do público, gerando renda e promovendo a conservação da espécie. O principal desafio desse colegiado é a promoção de ações em rede para gerar conhecimento e experiências que subsidiem a construção de programas e políticas públicas para o desenvolvimento da cadeia produtiva da polpa de juçara, fortalecendo o protagonismo de agricultores familiares, povos e comunidades tradicionais da Mata Atlântica.

Polpa de Juçara pode integrar receitas da região Sudeste

No Vale do Ribeira, as articulações para viabilizar a comercialização da polpa da juçara avançaram, e em maio, a equipe do Programa Vale do Ribeira organizou uma degustação no restaurante Kaverna, próximo à Caverna do Diabo, em Eldorado (SP), em parceria com a Convivium Slow Food. As sócias da empresa, Neide Rigo e Claudia Mattos, criaram duas receitas especiais para o evento: frango com polpa de juçara e o brigadeiro denominado Neguinha. Quilombolas de sete comunidades e o público em geral puderam experimentar os pratos e o suco de juçara. Embora pequeno, o evento foi bem-sucedido e os pratos elogiados, mostrando que a polpa da juçara é versátil e pode entrar em muitos cardápios da região Sudeste do Brasil, oferecendo alternativas às comunidades de um mercado diferenciado, e geração de renda com a conservação da espécie em pé.

Turismo quilombola do Vale do Ribeira ganha impulso com encontro nacional

O Encontro Nacional de Turismo das Comunidades Quilombolas, que se realizou em junho, em Registro (SP), foi mais uma das etapas previstas no projeto Circuito Quilombola, de fomento ao turismo sustentável na região do Vale do Ribeira. Desenvolvido em parceria pelo ISA e 14 comunidades quilombolas do Vale do Ribeira (SP), o projeto, iniciado em agosto de 2009, entrou em sua segunda fase, com a realização do encontro, que

SAIBA MAIS ACESSANDO:
www.socioambiental.org/nsa/detalhe?id=3089 e [3108](http://www.socioambiental.org/nsa/detalhe?id=3108)



será seguido por oficinas de capacitação de monitores quilombolas.

Marcado por debates em grupos, plenárias e visitas técnicas aos quilombos de André Lopes e Ivaporunduva (cerca de 120 km de Registro), o encontro durou três dias. Entre discussões políticas e apresentações culturais, os 150 representantes quilombolas vindos de todo o Brasil conseguiram tirar propostas e estabelecer diretrizes sobre o que esperam em termos de políticas públicas para desenvolver o turismo sustentável em suas comunidades, preservando a floresta com geração de renda. A carta com as diretrizes foi divulgada e entregue a representantes do poder público.

O projeto do circuito no Vale do Ribeira

Depois de realizar reuniões de planejamento participativo para recolher subsídios, montar os circuitos, levantar potenciais, traçar mapas e discutir os principais problemas enfrentados, a equipe técnica do ISA terminou o inventário turístico das comunidades de Mandira, Pedro Cubas, Sapatú, André Lopes, Ivaporunduva e São Pedro. Elas foram escolhidas na primeira fase por estarem mais organizadas para planejar atividades turísticas. As demais comunidades (oito) serão capacitadas nas oficinas.

Com as informações do inventário sistematizadas, tanto as comunidades quanto o poder público e as organizações que atuam localmente podem ter uma visão mais estratégica dos caminhos que podem ser seguidos pelas comunidades em busca da sustentabilidade socioambiental de seus territórios, com geração de renda e qualidade de vida para todos.

O projeto conta com o apoio financeiro do Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA), com apoio logístico da Equipe de Articulação e Assessoria das Comunidades Negras do Vale do Ribeira (Eaacone), das associações das comunidades quilombolas, das prefeituras municipais de Iporanga, Eldorado e Cananéia.



Abertura do Encontro de Turismo, no Hotel Estoril, em Registro (no alto); acima, grupo de Morro Seco anima a noite com o fandango

Recuperação de área mobiliza comunidade de Porto Velho

O Quilombo de Porto Velho, em Iporanga, no Vale do Ribeira (SP), firmou parceria com a campanha para recuperar, com plantio de mata ciliar, o rio que passa na área e se encontra degradado, prejudicando o acesso à água potável e a apicultura, principal atividade da comunidade.

A proposta é recuperar 10 hectares com espécies nativas e também apícolas, que possam contribuir para aumentar a produtividade do mel. Foram realizadas quatro reuniões com a comunidade para definição do projeto, de forma participativa, valorizando os conhecimentos tradicionais dos quilombolas. As espécies foram escolhidas em três etapas: primeiro, observou-se as que existiam no entorno e o grau de regeneração natural; depois, por meio de fotos de árvores nativas, a comunidade identificou as que existem em seu território e as que já existiram; por fim, foi apresentada uma lista das mudas disponíveis no viveiro fornecedor da campanha para a escolha das espécies.

Em março, um mutirão construiu 400 metros de cerca de proteção na área a ser recuperada. Dias depois foram plantadas 5.000 mudas de espécies nativas. Até o final de 2010, serão plantados 10 hectares, completando o projeto. Desde 2008, o ISA vem desenvolvendo em Porto Velho, o projeto da Casa do Mel. Ao promover a recuperação, a campanha auxilia a produção do mel e o fortalecimento do projeto.

SAIBA MAIS ACESSANDO:
www.socioambiental.org/nsa/detalhe?id=3039



VINÍCIOS KLEIN/ CAIETI FLORESTAL

Mutirão constrói cercas de proteção em área a ser recuperada



Mulheres de Abobral colocam plântulas de café em saquinhos

Comunidades quilombolas participam de cursos de restauração florestal

Para dar suporte técnico às comunidades interessadas em fazer restauração florestal, a campanha promoveu em maio dois cursos, em Abobral e Pedro Cubas. Em Abobral, um grupo de mulheres, com apoio do ISA e do Proter (Programa da Terra), montaram estrutura para um viveiro de mudas. Durante o curso, elas aprenderam os princípios para organização dos trabalhos em viveiros, os diferentes tipos de estrutura possíveis, o beneficiamento de sementes, a dinâmica de produção, o controle natural de pragas e expedição. As participantes também realizaram a primeira semeadura no viveiro, com capacidade para produzir 12.000 mudas em saquinhos. Na sementeira que construíram, semearam palmeira juçara. Nos saquinhos elas colocaram plântulas de café e sementes de aroeira.

SAIBA MAIS ACESSANDO:
www.socioambiental.org/nsa/detalhe?id=3114

Já em Pedro Cubas, onde desde 2008, está em desenvolvimento um projeto de restauração de matas ciliares do Rio Pedro Cubas, com apoio do ISA e recursos provenientes da Iniciativa Verde e da Aymoré Financiamentos, o objetivo foi dar suporte técnico às ações de manutenção e monitoramento, e apresentar diferentes técnicas de restauração, como plantio total, enriquecimento e técnicas de nucleação. Os participantes aplicaram na prática o conteúdo apresentado indo até as áreas de plantio e realizando a manutenção de algumas parcelas. Os cursos e o material didático foram produzidos por Jonas Costa Rangel e Tamara Quinteiro, do Instituto Ambiental Vidá-gua, e por Reinaldo Gomes Ribeiro e Ivy Wiens, do ISA.

Dois mil hectares de APPs estão em restauração

Cinco anos de trabalho, experiências realizadas e parcerias com prefeituras, produtores rurais e organizações não governamentais, resultaram em 2.081 hectares de florestas em processo de restauração na Bacia do Rio Xingu e nos vales dos rios Araguaia e Teles Pires, ao final do ciclo agroflorestal 2009/2010. As restaurações começaram em 2006 com o objetivo de recuperar nascentes e matas de beira de rio e hoje estão presentes em 14 municípios matogrossenses, a saber: Canarana, Água Boa, Barra do Garças, Vila Rica, Gaúcha do Norte, Querência, Bom Jesus do Araguaia, São Félix do Araguaia, Canabrava do Norte, São José do Xingu, Santa Cruz do Xingu, Marcelândia, Cláudia e Nova Mutum.

Rodrigo Junqueira, coordenador adjunto do Programa Xingu do ISA, uma das organizações que participam da campanha, explica que os trabalhos são realizados por meio da semeadura direta de sementes, plantio de mudas e condução da regeneração natural. “Nós realizamos uma avaliação da área degradada e então decidimos, em conjunto com o proprietário

da área, a melhor maneira de fazer a restauração, observando as questões técnicas e financeiras. Em muitas áreas, a condução da regeneração natural resolve o problema”.

O grande diferencial é o uso de plantadeiras de grãos e as lançadeiras conhecidas como vincón ou tornado, que viabiliza a plantação de espécies nativas em grandes áreas, que demorariam a ser recuperadas com mudas. “O plantio mecanizado vem se mostrando a alternativa mais viável para a restauração de florestas em larga escala, em Áreas de Preservação Permanente degradadas ou de reservas legais”, avalia Junqueira. Vale destacar que o custo de plantio fica até quatro vezes mais baixo quando comparado ao plantio de mudas.

Plantio mecanizado é alternativa mais viável

O investimento para o plantio convencional de florestas com mudas fica, no mínimo, em R\$ 4 mil por hectare, sem cerca e sem manutenção. Com cerca e manutenção esse valor passa de R\$ 7 mil. Já o plantio mecanizado de florestas tem valor mínimo de R\$ 1.715,65 em área de lavoura, em que a cerca não é necessária, e de R\$ 3.325,50 em área de pecuária, em que é necessário colocar a cerca de proteção. Os dois custos já incluem os trabalhos de manutenção no segundo e no terceiro ano.

Eduardo Malta, do ISA, explica que para conseguir resultados satisfatórios, os técnicos da instituição aperfeiçoaram a técnica de plantio. “Nós fazemos uma ‘muvuca’, que é uma mistura de sementes nativas, utilizada para plantar agroflorestas. São leguminosas de adubação verde, ervas, arbustos, cipós e árvores frutíferas, resiníferas, medicinais e madeiras, que podem trazer retorno econômico para o dono da área e proteger o

solo enquanto as árvores crescem”. O município de São José do Xingu foi o campeão em restauração de florestas, a partir dos trabalhos da campanha. Ao todo, foram 1.389,75 hectares de florestas em recuperação. Lá o produtor Luis Carlos Castelo, recuperou 250 hectares de matas ciliares em sua propriedade, a fazenda Bang Bang.



FERNANDA BELLE/ISA

Amandio Micolino em sua área que está em processo de restauração, na fazenda São Roque, em Canarana (MT)

Balanco dos trabalhos de restauração florestal, de 2006 a 2010

- 2.081** hectares de florestas em processo de restauração florestal
- 370** propriedades com Áreas de Preservação Permanente sendo restauradas
- 25** toneladas de sementes plantadas
- 200** espécies de plantas nativas utilizadas nos plantios



FERNANDA BELEI/ISA

Kawire e Oreme Ikpeng, do Movimento Jovem Ikpeng: experiências disseminadas

Agentes socioambientais do Xingu se reúnem em seminário

Realizado em Canarana, em abril, pelas instituições que promovem a Campanha Y Ikatu Xingu, com apoio da União Europeia, o 1º Seminário de Agentes Socioambientais do Xingu reuniu mais de 300 pessoas. Durante três dias, elas encararam o desafio de mostrar, por meio de experiências, intercâmbios e mudanças, como cuidar do meio ambiente sem descuidar do desenvolvimento social.

Assim, a educação diferenciada, voltada para a construção de um ambiente mais saudável, práticas rurais de baixo impacto ambiental e as atividades que valorizam a natureza e a diversidade cultural do Xingu estão se multiplicando. Um bom exemplo é o Movimento Jovem Ikpeng, que se iniciou para resgatar e preservar as tradições Ikpeng. Hoje suas práticas e conhecimentos se disseminam à aldeias de outras etnias, cidades e assentamentos.

SAIBA MAIS ACESSANDO:
www.socioambiental.org/nsa/detalhe?id=3065 e **3066**

Entre as oficinas ministradas, a que tratou da elaboração e gestão de projetos socioambientais enfatizou a necessidade de se ter um plano de ação para poder alcançar os resultados propostos.

Durante o evento, foi encerrado o Fundo Xingu Educadores, projeto concebido e articulado pela campanha, com apoio da Icatu Hartford Seguros, para potencializar iniciativas de educação, apresentando idéias criativas de inclusão do tema socioambiental como instrumento pedagógico. O projeto contou com duas edições - em 2007 e em 2009 - e aprovou projetos de escolas em diferentes municípios matogrossenses.

Uma mesa redonda, cuja questão central foi 'O que é ser um agente de mudança socioambiental?' encerrou o seminário. O coordenador adjunto do Programa Xingu, Rodrigo Junqueira, a secretária de Agricultura e Meio Ambiente de Canarana, Eliane Felten, e convidados deram seus depoimentos sobre a vida em sociedade e as responsabilidades de cada um em relação ao meio onde vivem.

Curtas

▶ CAMPANHA Y IKATU XINGU TEM SITE NOVO.

Em maio entrou no ar o novo site da Campanha Y Ikatu Xingu com design mais moderno, novos recursos audiovisuais e formato que facilita a navegação e a busca de informações. Por meio da nova página, os internautas poderão participar de debates, contribuir na inserção de conteúdo e ingressar em redes sociais, como o Orkut, Myspace, Facebook e Twitter. Confira: www.yikatuxingu.org.br

▶ REDE DE SEMENTES DO XINGU ORGANIZA ENCONTRO EM SINOP.

O V Encontro da Rede de Sementes do Xingu, realizado em Sinop, Mato Grosso, em 8 e 9 de maio, contou com a participação de mais de 70 coletores de sementes, que trocaram experiências e discutiram estratégias de trabalho. Em 2010, a rede comemora quatro anos com 300 coletores em 19 municípios e em sete aldeias indígenas na Bacia do Rio Xingu. O evento foi realizado pela Rede e organizações participantes, o ISA entre elas. Durante o encontro foi lançado o Fundo Rotativo e apresentada a proposta do Plano de negócios da Rede. Criada em 2006, ela fornece sementes de espécies nativas utilizadas nos trabalhos de restauração florestal realizados pelas instituições envolvidas na Campanha Y Ikatu Xingu. Agricultores familiares, índios, moradores de assentamentos rurais e viveiristas participam da rede que é referência para a economia de base florestal na região.

Tecnologias da campanha são selecionadas para a mostra do Ethos

O plantio mecanizado de florestas a baixo custo nas fazendas aliado à geração de renda nas comunidades, em parceria com a Campanha Y Ikatu Xingu (MT), para a restauração de Áreas de Proteção Permanente (APPs) e áreas degradadas na Bacia do Rio Xingu, foi selecionado pela Mostra de Tecnologias Sustentáveis, organizada pelo Instituto Ethos. Realizada paralelamente à Conferência Internacional anual do instituto, a mostra aconteceu em maio, em São Paulo. A escolha levou em conta as evidências de melhorias comprovadas no meio ambiente, na qualidade de vida das pessoas e no desenvolvimento socioambientalmente sustentável da região onde se desenvolve a campanha.

A tecnologia é voltada à conservação da água e recuperação de matas ciliares degradadas, em uma região carente de atuação do Estado. Em cinco anos, mais de dois mil hectares de matas ciliares degradadas em centenas de pequenas, médias, grandes propriedades, assentamentos rurais e Terras Indígenas entraram



SAIBA MAIS ACESSANDO:
www.socioambiental.org/nsa/detalhe?id=3078

Rodrigo Junqueira, do ISA, mostra a evolução do desmatamento no entorno do Parque Indígena do Xingu

em processo de restauração. O objetivo da mostra é reunir e disseminar informações e conhecimentos sobre tecnologias sustentáveis disponíveis, visando a intensificação de seu desenvolvimento, produção e uso por indivíduos e organizações públicas e privadas.

ISA cria estágio em restauração florestal

Voltado a jovens interessados em restaurar áreas naturais degradadas e em trabalhar pela conservação da natureza, o programa de estágio foi criado pelo ISA, no âmbito da Campanha Y Ikatu Xingu, em parceria com a prefeitura municipal de Canarana e com o apoio financeiro de José



ACERVO ISA

SAIBA MAIS ACESSANDO:
www.socioambiental.org/nsa/detalhe?id=3032

Meurimar, Yurick, Natalie, Junior Micolino e César Augusto: estagiários em recuperação florestal

Ricardo Rezek, proprietário da Agropecuária Rica, para formar profissionais qualificados.

Cinco jovens vindos de instituições matogrossenses e uma paranaense foram selecionados e participaram das atividades iniciadas em outubro do ano passado e encerradas em abril deste ano. A seleção foi aberta a toda a comunidade, destinada a estudantes universitários de ciências biológicas, estudantes de cursos técnicos agrícolas e técnicos agrícolas. Os estagiários trabalharam no viveiro municipal de Canarana, cuidando de mudas de espécies nativas da região e participando de plantios em áreas degradadas. O trabalho foi coordenado pelo biólogo Eduardo Malta, com apoio dos técnicos Nicola Martorano da Costa e Luciano Langmantel Eichholz, todos do ISA. Iniciativa única na região das nascentes do Rio Xingu, propicia aos jovens conhecer as técnicas de restauro, e aprender mais sobre a natureza e as plantas originárias da região. A turma aprendeu na prática o que deve ser feito para preservar o meio ambiente e para garantir a qualidade da água na região.

Raisg promove treinamento e reunião anual em São Paulo

A Rede Amazônica de Informações Socioambientais Georreferenciadas (Raisg) realizou reunião de 3 a 11 de maio. De 3 a 6, técnicos de todas as instituições que compõem a rede participaram de um curso sobre metodologia para a avaliação do desmatamento, ministrado por Carlos Souza Jr., do Imazon. O curso deu sequência à realização de uma das metas da Raisg em 2010/2011, que é produzir o mapa do desmatamento na Amazônia nos nove países amazônicos, com base em imagens dos anos 2000, 2005 e 2010, com uma mesma resolução e metodologia.

Nos dias 7 e 8, ocorreu a reunião anual da rede, com a participação de todas as instituições. Entre outros itens discutiu-se a formação de novas subredes para aprofundar o trabalho da rede. O pesquisador do Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (Inpa), Antonio Nobre, especialista em clima e mudanças globais,

foi convidado a apresentar seu projeto de mapeamento das unidades de paisagem e foram discutidas possibilidades de parceria com a Raisg.

Encerrada a reunião anual, o encontro prosseguiu para avançar nas definições do Atlas de Pressões e Ameaças sobre UCs e TIs na Amazônia, atribuindo responsabilidades e decidindo a agenda de trabalho. A estimativa é publicar o Atlas ainda em 2010.



Participantes da Raisg em conversa com Antônio Nobre, do Inpa

Programa Xingu analisa recomendações de avaliadores externos

Durante seminário realizado em março, o Programa Xingu concluiu o processo de avaliação pelo qual passou em relação a sua parceria com a Rainforest da Noruega. O seminário contou com a presença da equipe do programa, da diretoria da Associação Terra Indígena Xiungu (Atix), de representante da Rainforest, da Secretaria Executiva do ISA e de um dos consultores da equipe de avaliadores contratados. A avaliação conduzida por consultores externos incluiu visitas nas três regiões de atuação do programa: nascentes do Xingu (MT), Parque Indígena do Xingu (MT) e Terra do Meio (PA). Além de apontar caminhos para o futuro, destacou a consistência das ações do Programa Xingu. O seminário teve o objetivo de fazer uma análise crítica das conclusões e recomendações do relatório de avaliação e definir, de forma planejada, o processo de implementação das recomendações no curto prazo e no futuro. O resultado foi a elaboração de uma matriz de planejamento que servirá de base à equipe para detalhar ações futuras.

Curtas

▶ GISELE BUNDCHEN VAI DIVULGAR AÇÕES DO ISA.

A empresa Grendene e Gisele Bündchen estabeleceram parceria com o ISA com base nos trabalhos que vêm sendo desenvolvidos no tema Mudança Climática. Gisele Bündchen irá divulgar as ações do ISA nesse tema tanto no Brasil como no exterior.

▶ COOPERAÇÃO ESPANHOLA REALIZA SEMINÁRIO COM PARCEIROS.

Em maio, o secretário executivo adjunto do ISA, Enrique Svirsky, participou a convite da presidência espanhola da União Europeia, do Seminário Internacional de Cultura e Desenvolvimento, que se realizou na cidade de Girona, nordeste da Espanha. O evento teve como objetivo aproximar e integrar responsáveis pela cooperação em países doadores, países sócios e organizações multilaterais para a troca de experiências que mostrem que investir na cultura permite alcançar diferentes objetivos internacionais na luta contra a pobreza. Participaram do seminário responsáveis e autoridades da área de cultura e desenvolvimento dos estados-membros da União Europeia, de países em desenvolvimento e profissionais e especialistas vinculados ao mundo da cooperação para o desenvolvimento e da cooperação cultural.



Assembleia anual debate plano de trabalho

A 17ª Assembleia Anual do ISA aconteceu nos dias 23 e 24 de abril no Instituto Goethe. Entre os temas tratados estava a recomposição do Conselho Diretor e a indicação para a presidência. Sérgio Mauro Santos Filho, secretário executivo, informou a todos sobre a indicação da sócia Ana Valéria Araújo Leitão pelo Conselho Diretor para ocupar a vaga deixada por Carlos Frederico Marés de Souza Filho. Informou ainda a decisão do Conselho Diretor pelo afastamento de Neide Esterici da presidência do conselho. A decisão foi tomada em função da adequação do ISA a uma interpretação do Ministério da Justiça, sobre a renovação do registro da instituição como Oscip – Organização da Sociedade Civil de Interesse Público. A presidência vem sendo exercida pela sócia Marina Kahn, e caberá ao Conselho Diretor confirmar o novo presidente ad referendum da Assembleia.

As eleições 2010 também foram item da pauta e ficou decidido que o ISA somente deverá participar de discussões coletivas de pautas e plataformas dirigidas a todos os diferentes candidatos. Sergio Mauro apresentou ainda o Plano Trienal de Trabalho para 2011-2013 e Márcio Santilli detalhou o processo de elaboração com a inserção do tema mudança climática na centralidade do planejamento da instituição. Destacou que a inserção foi tratada em reuniões com todas as equipes do ISA, revisitando o cardápio de atividades de cada programa e de cada área do ISA, procurando reavaliar o significado de cada projeto ou atividade do ponto de vista do tema. *(Leia mais na página ao lado)*

Estiveram no ISA

Nele Odeur, da Icco, que visitou a subsede do ISA em São Gabriel da Cachoeira, acompanhada pelo secretário executivo adjunto Enrique Svirsky; Integrantes do **Projeto Brasileirantes** e da **Cooperação espanhola** visitaram comunidades quilombolas no Vale do Ribeira, que já estão envolvidas ou pretendem desenvolver projetos de turismo sustentável.

Visitas ao site



Janeiro a junho
999.908

Curtas

ISA APOIA CONGRESSO DE JORNALISTAS AMBIENTAIS.

Durante o Congresso da Rede Brasileira de Jornalistas Ambientais realizado em março, em Cuiabá, o ISA montou um estande onde mostrou os trabalhos que desenvolve em seus programas e mais especialmente na Campanha Y Ikatu Xingu, em Mato Grosso. O ISA foi um dos apoiadores do Congresso, doando 300 exemplares do Almanaque Brasil Socioambiental, para integrar o kit do congresso distribuído aos participantes. A secretária executiva adjunta, Adriana Ramos, participou da mesa-redonda que debateu o papel da imprensa na cobertura do desmatamento na Amazônia. Além dela, estavam na mesa o jornalista Claudio Ângelo, da FSP, e o à época secretário do Meio Ambiente de Mato Grosso, Luiz Daldegan.



Estande do ISA no Congresso de Jornalismo, em Cuiabá

INES ZANCHETTA/ISA

Trienal do ISA entra no clima

Após um período de internalização do tema da mudança climática e de identificação das suas interfaces socioambientais nos programas e projetos por meio de intensas discussões internas incluindo parceiros e aliados, o ISA o inseriu de forma central em seu planejamento de atividades para os próximos três anos – 2011/2013-, tanto em nível nacional como regional. A reunião de planejamento realizada em fevereiro, e que envolveu coordenadores, secretaria executiva e diretores, havia decidido que o tema estaria na centralidade das ações e programas desenvolvidos. O plano trienal entregue aos parceiros do ISA, situa a política nacional do clima no centro das preocupações institucionais, no sentido de preparar o País para os desafios e oportunidades da mudança climática. Com isso pretende-se ampliar os objetivos das políticas setoriais, com vistas a programas que contemplem estoques florestais (em lugar da tradicional contabilidade negativa do desmatamento), o protagonismo das populações tradicionais (em desdobramento das iniciativas de reconhecimento de direitos) nos seus próprios projetos de vida, a centralidade da sustentabilidade para o projeto de futuro do País (em vez da marginalidade até aqui conferida às políticas socioambientais) e a gestão social a longo prazo de territórios e bacias (para além do mero reconhecimento oficial de Terras Indígenas e de áreas protegidas).

Parlamentares noruegueses vão ao Xingu

Em abril, o presidente do Parlamento da Noruega, Pal Terje Andreassen e o presidente do Parlamento Sami, também da Noruega, Egil Olli, visitaram o Parque Indígena do Xingu. A comitiva contou ainda com a embaixadora da Noruega no Brasil, Turid Eugênio, e outros parlamentares da Noruega. No Posto Indígena Diauarum, eles conversaram com diversas lideranças xinguanas, entre elas, Mairawê Kaiabi e Aritana Yawalapiti. A visita ao Parque Indígena do Xingu fazia parte de uma programação oficial dos parlamentares para conhecer o Congresso Nacional em Brasília e debater assuntos de interesse comum dos dois países, entre eles o Fundo Amazônia Os parlamentares passaram uma tarde inteira em reunião com a diretoria da Associação Terra Indígena Xingu (Atix), e almoçaram e jantaram com os índios. No final, as lideranças do Xingu foram unânimes: nunca receberam parlamentares brasileiros que tivessem tanto tempo para ouvi-los.

LEIA MAIS SOBRE O FUNDO AMAZÔNIA À PÁGINA X E NO SITE www.deolhonofundoamazonia.ning.com

Curtas

▶ **REDE DE COOPERAÇÃO ALTERNATIVA DEBATE MUDANÇA CLIMÁTICA.** Logo após a Assembleia ocorrida em maio, em Brasília, a Rede de Cooperação Alternativa (RCA) realizou nova rodada de conversas sobre mudança climática. O coordenador do PPDS do ISA, Marcio Santilli, participou do evento, contribuindo para o processo de formação dos parceiros indígenas da rede. O ISA é uma das instituições que integram a RCA, e que, em novembro do ano passado, participou da montagem de um encontro temático sobre mudança climática, florestas tropicais e povos indígenas, além de colaborar na condução dos debates.

▶ **CONTRIBUIÇÕES À POLÍTICA NACIONAL DE MUDANÇA CLIMÁTICA.** O coordenador do PPDS, Márcio Santilli, representou o Fórum Amazônia Sustentável no seminário “Contribuições do GT Empresas pelo Clima para a Regulamentação da Política Nacional sobre Mudança do Clima”, realizado em abril, em Campinas (SP). O evento, promovido pelo Instituto Ethos, discutiu o posicionamento do GT em relação à política nacional e recolheu subsídios para a construção de um documento com suas recomendações ao governo brasileiro.

PARA SABER MAIS ACESSO:

[HTTP://WWW1.ETHOS.ORG.BR/ETHOSWEB/PT/3889/SERVICOS_DO_PORTAL/NOTICIAS/ITENS/GT_EMPRESAS_PELO_CLIMA_DISCUTE_POLITICA_NACIONAL_SOBRE_O_TEMA.ASPX](http://www1.ethos.org.br/EthosWeb/pt/3889/servicos_do_portal/noticias/itens/gt_empresas_pelo_clima_discute_politica_nacional_sobre_o_tema.aspx)

Inventário cultural quilombola registra procissão e prática agrícola tradicional

SAIBA MAIS ACESSANDO:
www.socioambiental.org/nsa/detalhe?id=3061 e 3083

O Projeto de Inventário de Referências Culturais Quilombolas que vindo sendo desenvolvido pela equipe do Programa Vale do Ribeira do ISA em conjunto com agentes culturais quilombolas registrou em abril e maio duas manifestações importantes: a procissão das almas que encerra a quaresma no quilombo de Pedro Cubas e a “reunida”, como é chamado o trabalho coletivo de executar uma tarefa agrícola, realizada em 1º de maio, na comunidade de Praia Grande.

Patrocinado pela Petrobrás, e realizado em parceria com a Aecid (Cooperação Espanhola), AIN (Ajuda da Igreja da Noruega), Secretaria Estadual de Cultura, Iphan (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional), Núcleo Oikos e Eacone (Equipe de Articulação e Assessoria das Comunidades Negras), o projeto pretende levantar os bens culturais imateriais e materiais de 16 comunidades quilombolas no Vale do Ribeira, aplicando a metodologia desenvolvida pelo Iphan, que reconhece cinco categorias do patrimônio cultural: “celebrações”; “ofícios e modos de fazer”; “formas de expressão”; “lugares”; e “edificações”. O objetivo é a valorização do patrimônio cultural quilombola registrado pelos próprios quilombolas.

A procissão das almas

A Recomendação das Almas, procissão noturna, fúnebre, é parte do patrimônio cultural quilombola, cuja tradição é mantida pela comunidade de Pedro Cubas e acontece anualmente na virada da noite da sexta-feira da paixão para o sábado de aleluia. Pedro Cubas é a úni-



Almoço de confraternização durante a “reunida” reforça laços

ca comunidade quilombola da região que ainda pratica o ritual, e percorre um trecho de mais de 20 quilômetros entoando cânticos e orações. Essas procissões fúnebres com o objetivo de encaminhar as almas dos mortos às portas do céu não são propriamente uma tradição exclusiva quilombola. Em Pedro Cubas, elementos externos à tradição católica aparecem associados ao ritual, como a infusão em aguardente de guiné, utilizada para benzimento e cura, e personagens da literatura oral brasileira que são apropriados regionalmente de modo bastante particular.

“Reunida” no quilombo de Praia Grande

A “reunida”, prática coletiva tradicional entre os quilombolas de Praia Grande, é uma das referências culturais quilombolas da região que poderá se perder caso a usina hidrelétrica de Tijuco Alto venha a ser construída. Localizada no município de Iporanga, Praia Grande tem 1.584,8 hectares ainda não titulados e se estende pelas duas margens do Alto Rio Ribeira. Será impactada, com mais de 90% de seu território inundado já que a barragem está prevista para ser construída a jusante do rio. Mais do que cumprir a tarefa agrícola, a “reunida” tem uma função social central para a vida quilombola: reforça laços de compadrio e a colaboração interfamiliar e fortalece relações intercomunitárias. Depois da colheita, um grande almoço de confraternização na roça é oferecido pelos organizadores e para encerrar, os músicos da comunidade animam o baile com sanfonas, pandeiros, violões e uma timba, que só termina quando o sol desponta.



Procissão noturna fúnebre é tradição no quilombo de Pedro Cubas

Intercâmbio leva índios do Pará para visitar o Xingu e o Rio Negro

A troca de experiências foi promovida em abril pelo Ilepé – Instituto de Pesquisas e Formação Indígena – no âmbito da Rede de Cooperação Alternativa (RCA), que congrega diversas organizações indigenistas e indígenas, o ISA entre elas. Quatro índios Aparai e Wayana, que vivem no norte do Pará, fronteira com o Suriname, na TI Rio Paru de Leste, visitaram o Rio Negro, no final de abril, para conhecer as experiências dos Baniwa com o plantio de arumã. Os Aparai e Wayana, como os Baniwa, utilizam o arumã, matéria-prima de sua cestaria. O intercâmbio faz parte de um programa de pesquisa e manejo de arumã que os Wayana e Aparai pretendem implementar junto com o Ilepé, e com apoio financeiro do Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA). Da mesma forma que os Baniwa, eles estão preocupados



ADELSON LOPES DA SILVA/ISA

Intercambistas Aparai e Wayana, da TI Rio Paru do Leste (PA), visitam arumanzal em Itacoatiara Mirim, no Rio Negro

com a sustentabilidade da planta em função do aumento da comercialização da cestaria. Ainda por conta do intercâmbio promovido pelo Ilepé, em maio, quatro índios Tiriyo e Kaxuyana da TI Parque do Tumucumaque viajaram mais de dois mil quilômetros para conhecer as técnicas de plantio e cultivo das etnias que vivem no Parque Indígena do Xingu, no Mato Grosso. Os Tiriyo e Kaxuyana habitam o norte do Pará, divisa com o Suriname, uma região de floresta amazônica que abriga uma área de aproximadamente 500 mil hectares de cerrado. A ideia foi trocar conhecimentos na lida com a terra, já que tanto os índios do Tumucumaque quanto os xinguanos têm em comum viverem em parques indígenas e em área de transição entre floresta e cerrado.

SAIBA MAIS ACESSANDO:
www.socioambiental.org/nsa/detalhe?id=3079 e [3077](http://www.socioambiental.org/nsa/detalhe?id=3077)



FERNANDA BELLE/ISA

Já os Tiriyo e Kaxuyana, da TI Parque do Tumucumaque (PA), são apresentados às técnicas de plantio e cultivo dos xinguanos

Mulheres Ikpeng são capacitadas na comercialização de sementes

Uma oficina de capacitação conduzida por professores Ikpeng permitiu às 45 mulheres Ikpeng, coletoras de sementes, entender melhor como funciona a Rede de Sementes do Xingu e sua comercialização. A oficina foi em abril, no Posto Indígena Pavuru, e elas aprenderam noções básicas de pesagem e do uso do dinheiro.

As coletoras se autodenominam 'Yarang', que significa 'formiga' em língua Ikpeng, em alusão ao movimento das formigas saúvas que coletam e levam as sementes para casa para limpá-las.

A oficina foi previamente planejada com os professores Ikpeng, que conduziram o trabalho na língua deles,

SAIBA MAIS ACESSANDO:
www.socioambiental.org/nsa/detalhe?id=3085

já que são poucas as mulheres que falam português. Uma apresentação teatral simulou todas as etapas da comercialização de sementes, da coleta até a compra. O uso do dinheiro foi tratado utilizando-se as figuras de animais para cada nota, por meio das quais as mulheres identificavam os valores: uma nota de R\$ 100,00 é chamada de 'Egepak', que significa tucunará, a de R\$ 50,00 é 'Akari', que significa onça, a de R\$ 20,00 é a 'Awuga', que significa mico e a de R\$ 10,00 é a 'Kara', que significa arara.

Ao final, as participantes avaliaram que o aprendizado deverá ajudá-las no trabalho com a rede de sementes e na relação com o mundo não indígena. O trabalho das 'Yarang' também merece destaque por ser feito de maneira coletiva e envolver toda a aldeia.

Anciãos e jovens Panará revisitam antigas aldeias

A saga dos índios Panará, expulsos de seu território em 1973, quando se iniciou a construção da BR-163 (que liga Cuiabá, no Mato Grosso, a Santarém, no Pará), que quase os exterminou é conhecida. Foram transferidos para o Parque Indígena do Xingu, mas nunca se adaptaram e mantiveram o sonho de um dia poder retornar às terras que deixaram. Descobriram anos mais tarde que uma parte dessas terras poderia ser ocupada e para lá retornaram em 1996.

Os jovens Panará que nasceram no Xingu, entretanto, sempre tiveram interesse em conhecer os locais das antigas aldeias, para registrar a história para as futuras gerações, e divulgá-la nas

idades que hoje ocupam o lugar dos aldeamentos. Assim, em abril, por conta do “Projeto Identificação de sítios e histórias ancestrais dos povos Kaiabi, Yudja, Kisêdjê e Panará”, em parceria com o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), os Panará realizaram uma expedição à região que ocupavam antes do contato com os brancos. Eles escolheram visitar os locais onde nasceram os velhos que ainda estão vivos. Apesar do desmatamento e da desfiguração das paisagens originais, eles conseguiram identificar seis aldeias antigas e uma série de lugares de importância histórica, além de identificar os nomes dados por eles para diversos rios da Bacia do Rio Peixoto de Azevedo.

A região visitada corresponde às zonas urbanas e rurais dos municípios de Colider, Garantá do Norte, Matupá, Terra Nova, Peixoto de Azevedo e Novo Mundo. A expedição encerrou um conjunto de atividades dos Panará sobre seu território, seu passado e propiciou reflexões sobre os caminhos futuros.

O projeto vai resultar em um inventário das áreas de importância histórica e cultural para os quatro povos – Yudja, Kaiabi, Kisêdjê e Panará –, além do registro audiovisual dos relatos dos velhos.



PAULA MENDONÇA/ISA

Panará documentam em áudio e vídeo toda a expedição às aldeias antigas

Defesa dos Direitos Socioambientais



SAIBA MAIS ACESSANDO:
www.socioambiental.org/nsa/detalhe?id=3072

Vídeo do ISA sobre Belo Monte está no YouTube

A trajetória de luta dos índios do Rio Xingu contra a construção da usina de Belo Monte e de outras, planejadas para o Rio Xingu, é o tema do vídeo produzido pelo ISA. O documentário *Xingu, A luta dos povos pelo rio* reúne cenas históricas desse processo, iniciado em Altamira (PA), em 1989, e resgata os principais lances, até os dias de hoje, de uma batalha que se arrasta há mais de 20 anos. Em 20 de abril, foi realizado o leilão que definiu o vencedor do consórcio que deverá construir a usina apesar de os impactos serem desconhecidos. *(Veja mais sobre Belo Monte na página ao lado)*

MARCELO SALAZAR/ISA



Na Esplanada dos Ministérios, em Brasília, indígenas do Parque do Xingu e de Altamira protestam contra a usina de Belo Monte

Belo Monte vai a leilão, ainda que não se conheçam seus impactos socioambientais

Apesar de toda a polêmica e de uma verdadeira batalha judicial, decorrente dos muitos problemas existentes no processo de licenciamento ambiental, o governo federal conseguiu realizar, em 20 de abril, o leilão para a concessão da Usina Hidrelétrica de Belo Monte, no Rio Xingu, Pará. Com poucos concorrentes do setor privado e pesada presença de estatais e, posteriormente, fundos de pensão de estatais (Previ, Funcef, Petros), o vencedor foi o consórcio liderado pela Companhia Hidrelétrica do São Francisco – CHESF, subsidiária da Eletrobrás, pelas construtoras Queiroz Galvão e JBS, entre outras.

O leilão foi antecedido por muitas incertezas. Por um lado, até muito pouco tempo antes de sua realização, não havia praticamente interessados em concorrer, pois as dúvidas sobre a viabilidade econômica da obra são muito grandes. Isso fez com que o governo federal, às vésperas do certame, aprovasse uma série de subsídios e incentivos financeiros para, com o dinheiro público, atrair o setor privado, com isenção de impostos e condições muito facilitadas de financiamento.

Guerra de liminares

Além da questão econômica, problemas jurídicos também quase inviabilizaram o leilão. Com base em duas ações judiciais do Ministério Público Federal, a Justiça Federal de Altamira ordenou, uma semana antes, a paralisação do evento até que os problemas apontados fossem resolvidos. Entre estes se destacavam

a desconsideração do parecer da equipe técnica do Ibama que analisou os estudos de impacto ambiental, e que havia concluído pela não concessão da licença, e a ausência de lei que regulamentasse a matéria, como exige a Constituição Federal. Horas antes do leilão, no entanto, o presidente do Tribunal Regional Federal da 1ª Região, Jirair Meguerian, derrubou as liminares alegando “interesse econômico” na obra, mas sem analisar as ilegalidades existentes. O ISA, junto com outras organizações do Movimento Xingu Vivo para Sempre, conversou com Jirair na véspera da decisão, expondo os graves problemas legais do processo, mas a decisão já estava pré-definida.

Sabendo que a obra só será construída com pesado subsídio público, já que não se sustenta economicamente, e que o BNDES será o veículo preferencial de despejo de recursos públicos na obra, por meio de financiamentos com juros baixíssimos e alto risco de retorno, o ISA e a Amigos da Terra – Amazônia Brasileira elaboraram uma notificação extrajudicial ao banco. Esse documento serviu para avisar o BNDES – e os demais possíveis investidores – que há muitos problemas no licenciamento, que impactos importantes não foram adequadamente mensurados e que, se o banco insistisse em investir na obra sem que essas questões fossem resolvidas, ele seria financeiramente responsabilizado por todos os danos socioambientais que viessem a ocorrer. Essa notificação foi assinada por dezenas de

SAIBA MAIS ACESSANDO:
www.socioambiental.org/nsa/detalhe?id=3068

organizações locais, e outras devem ser entregues aos demais financiadores.

Reforma no Código Florestal é aprovada por comissão na Câmara

Em 6/7, a Comissão Especial do Código Florestal da Câmara dos Deputados aprovou, com apoio dos ruralistas, por 13 votos favoráveis e cinco contrários, um projeto que altera profundamente os principais pontos do Código Florestal brasileiro. Elaborado por Aldo Rebelo (PcdoB/SP), mas em estrita sintonia com os anseios dos principais expoentes da bancada ruralista, o projeto permite que os governos estaduais liberem os proprietários de recuperar Áreas de Preservação Permanente (APPs) degradadas, extingue a Reserva Legal para imóveis de até quatro módulos fiscais (mais 90% dos imóveis no país tem esse tamanho), diminui o tamanho das restantes e ainda anistia as multas aplicadas sobre desmatamentos ocorridos até 2008.

O ISA trabalhou intensamente para evitar que um projeto com esse conteúdo fosse aprovado. Antes da elaboração do relatório, apresentou sua opinião aos membros da comissão especial e ao relator Aldo Rebelo em mais de uma ocasião, refutando a ideia de simplesmente enfraquecer ou anular as regras atuais e ressaltando a necessidade de se criar mecanismos de incentivo para melhorar a eficiência na aplicação da lei. Ciente, no entanto, de que o resultado dos debates na comissão - conformada majoritariamente por parlamentares ruralistas, cuja bandeira sempre foi revogar a legislação florestal - já estava pré-determinado, criou com outras organizações da sociedade civil, um site

de informação à sociedade (www.sosflorestas.com.br) onde as propostas de modificação na lei e suas consequências na proteção dos recursos naturais são analisados, assim como são apresentadas propostas alternativas para o aperfeiçoamento do Código Florestal.

Em abril, como esperado, o relator apresentou sua proposta, junto com uma longa justificativa onde afirma, em resumo, que proteger florestas atenta contra a soberania nacional ao criminalizar os pequenos proprietários e onera a exportação dos grandes.

Retrocesso na legislação ambiental

Diante da gravidade do conteúdo, que representa um enorme retrocesso na legislação ambiental brasileira, o ISA publicou em seu site alguns artigos denunciando equívocos e consequências, bem como divulgou sua opinião em vários meios de comunicação. Apresentou também um parecer aos membros da comissão e ao próprio relator, mesmo sabendo que seria baixa a possibilidade de ser levado em consideração, e buscou lideranças partidárias na tentativa de evitar que a proposta fosse adiante.

Como a aprovação do projeto na comissão era uma bandeira eleitoral para os ruralistas (as eleições presidenciais e de renovação da Câmara e Senado ocorrerão em outubro deste ano), e eles eram maioria, não foi possível evitar sua votação e nem alterar substancialmente seu

conteúdo. Inúmeras críticas, no entanto, começaram a surgir de diversos setores da sociedade, mas principalmente da academia, que foi utilizada como justificativa para as mudanças sem, entretanto, nunca haver sido adequadamente consultada pelos deputados. O projeto agora tem que ser votado em plenário, o que só ocorrerá - se ocorrer - no segundo semestre. O ISA continuará lutando, junto aos deputados e à sociedade civil, para evitar que esse retrocesso ocorra.

Comissão aprova alterações: 13 contra 5



SAIBA MAIS ACESSANDO:

www.socioambiental.org/nsa/direto/direto_html?codigo=2010-06-18-000328

OU www.socioambiental.org/nsa/detalhe?id=3123

À VENDA NO SITE por R\$ 30,00
www.socioambiental.org/loja



Conhecimentos florísticos são parte da cultura Yanomami

Urihi A - A Terra-Floresta Yanomami, de Bruce Albert e William Millike, publicado pelo ISA e pelo Institut pour la Recherche et Development (IRD), traz uma visão geral sobre o conhecimento florístico dos Yanomami com base em dados coletados em diversas partes de seu território e em diferentes períodos. Um texto do líder Yanomami Davi Kopenawa abre a publicação com informações sobre diversos aspectos da etnobotânica de seu povo. O livro revela como as plantas da floresta são parte intrínseca da cultura Yanomami, utilizadas na alimentação, na construção de casas e artefatos, na ornamentação corporal, para a cura e o xamanismo. Dados científicos somam-se a informações na língua nativa, em um cuidadoso trabalho de diálogo entre o conhecimento gerado pela ciência e o saber tradicional. A publicação faz parte de um conjunto de ações desenvolvidas entre os Yanomami pelo Programa Rio Negro, do ISA, e é leitura obrigatória para os interessados nas relações entre povos indígenas e o meio ambiente.

À VENDA NO SITE por R\$ 15,00
www.socioambiental.org/loja



Histórias de vida e experiências de agentes socioambientais

Plantando Florestas, mudando vidas traz histórias de pessoas que protagonizam mudanças em suas vidas e em sua comunidade, por meio de iniciativas que consideram a diversidade ambiental e cultural dos lugares onde vivem. Os personagens das nove histórias reunidas no livro têm em comum morar em municípios da região da Bacia do Rio Xingu e terem passado pelas formações de Agentes Socioambientais, um dos eixos de atuação da Campanha 'Y Ikatu Xingu. Os autores Bruno Weis, Cristina Suarez Velasquez e Rodrigo Gravina Prates Junqueira optaram por entrevistar os personagens no ambiente em que vivem e preservar a linguagem coloquial ajudando o leitor a penetrar nessa realidade. As iniciativas citadas estão ligadas à valorização da terra e à agricultura familiar, o que se relaciona com os trabalhos de educação agroflorestal e de restauração florestal, incentivados pela Campanha 'Y Ikatu Xingu.

DISPONÍVEL PARA DOWNLOAD
www.socioambiental.org/inst/pub/detalhe_down_html?codigo=10357



Pôster resume projeto de repovoamento de Juçara

Dirigidas aos moradores dos quilombos do Vale do Ribeira, o pôster *Semeando sustentabilidade. A Juçara e as comunidades quilombolas no Vale do Ribeira*, contém um mapa das comunidades envolvidas no projeto de repovoamento de Juçara com todas as atividades desenvolvidas. No verso, apresenta os temas relacionados à palmeira juçara como: histórico, legislação, resultados e desafios. Um diagrama aborda os problemas e as dificuldades enfrentadas pelas comunidades quilombolas em relação à extração de palmito e resumem bem a situação enfrentada pelas comunidades hoje.

À VENDA NO SITE por R\$ 35,00
www.socioambiental.org/loja



Manejo do Mundo reúne textos sobre conhecimentos indígenas

Manejo do Mundo: Conhecimentos e práticas dos povos indígenas do Rio Negro é o primeiro volume da coleção Conhecimentos Indígenas, Pesquisa Intercultural. De acordo com Aloísio Cabalzar, antropólogo do ISA e organizador da publicação, o livro é uma produção coletiva e sintetiza diversas pesquisas interculturais realizadas no Rio Negro. Manejo do Mundo é assunto abrangente. São vivências cotidianas e rituais das comunidades ao longo do ciclo anual, no manejo apropriado dos peixes, animais da terra, aves, insetos, das atividades da agricultura, pesca, caça e coleta, das doenças de cada tempo. O livro reúne vinte e dois textos sobre conhecimentos indígenas e pesquisas interculturais a respeito do tema, no Alto Rio Negro (Brasil e Colômbia).

Fundo Amazônia é monitorado pela internet

O ISA colocou no ar em junho, o site **De Olho no Fundo Amazônia** para monitorar a gestão do fundo criado pelo governo brasileiro, em 2008, para financiar ações de prevenção e combate ao desmatamento. A iniciativa pretende ser um canal aberto à sociedade civil para acompanhar a aplicação dos recursos, os critérios usados na seleção dos projetos e seus resultados. ONGs têm reivindicado mais transparência e participação na administração do fundo, a cargo do BNDES. O site está sendo criado na esteira de outras iniciativas semelhantes da sociedade civil – e vem também para complementá-las e potencializá-las – como é o caso do Observatório sobre Redução de Emissões por Desmatamento e Degradação Florestal (REDD) do Grupo de Trabalho Amazônico (GTA). Durante debate sobre o fundo em Oslo, Noruega, organizado pela Rainforest da Noruega e pelo ISA, em 28

de maio, a secretária executiva adjunta, Adriana Ramos, apresentou o site. O evento foi a primeira oportunidade de discussão sobre o Fundo entre organizações brasileiras e norueguesas.

SAIBA MAIS ACESSANDO:

<http://deolhonofundoamazonia.ning.com/>

Enciclopédia tem novos verbetes

A Enciclopédia dos Povos Indígenas ganhou três novos verbetes:

Kaxuyana, Wajuru e Shanenawa. Os Kaxuyana encontram-se em três áreas distintas no Pará. Em sua terra de origem, às margens do Rio Cachorro, afluente que deságua no curso médio do Rio Trombetas, noroeste do estado; na região dos rios Nhamundá e Mapuera, juntamente com os Waiwai e Hixkaryana, no extremo oeste do estado; e na Terra Indígena Parque do Tumucumaque, onde vivem com os Tiriyo, no extremo norte

do Pará. Já os Wajuru habitam a Terra Indígena Rio Guaporé, localizada no Baixo Rio Guaporé, em Rondônia, onde vivem também oito etnias, sobreviventes de massacres realizados por seringalistas e madeireiros. Habitantes da região centro-norte do Acre, na margem esquerda do Rio Envira, os Shanenawa, depois de inúmeras migrações, passaram a viver em uma porção de terra que foi homologada no início da década de 1990 com o nome Katukina/Kaxinawa.



SAIBA MAIS ACESSANDO:

<http://pib.socioambiental.org>

Curtas

NOVIDADES NO SITE DO PIB.

Estão no ar novos textos. Um deles é o artigo do antropólogo Pedro Cesarino sobre as poéticas indígenas. Há também uma nova seção sobre, o órgão indigenista oficial com um breve histórico do Serviço de Proteção ao Índio (SPI, 1910-1967) e da Fundação Nacional do Índio (Funai) que o sucedeu, até o anúncio da reestruturação político-administrativa do órgão em dezembro de 2009.

CONFIRA EM:

<http://pib.socioambiental.org>

PIB MIRIM GANHA VERSÃO

EM ALEMÃO. Além da versão em inglês, o site Povos Indígenas no Brasil Mirim ganhou, em maio, uma versão em alemão. É resultado da parceria com o Projeto Amazonas – teatro música em três partes, uma co-produção do Instituto Goethe, Hutukara Associação Yanomami, Bienal de Munique, SESC-SP, Teatro Nacional de São Carlos (TNSC) e ZKM. Dessa forma, o site espera mostrar às crianças de várias partes do mundo a diversidade dos povos indígenas no Brasil de maneira educativa e lúdica.

CONHEÇA O PIB MIRIM:

<http://pibmirim.socioambiental.org/>



INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL Conselho Diretor: Neide Esterci (presidente), Marina da Silva Kahn (vice-presidente), Adriana Ramos, Ana Valéria Araújo e Sérgio Mauro Santos Filho; **Secretário Executivo:** Sérgio Mauro Santos Filho; **Secretários executivos adjuntos:** Adriana Ramos e Enrique Svirsky

APOIO INSTITUCIONAL Icco (Organização Intereclesiástica para Cooperação ao Desenvolvimento); NCA (Ajuda da Igreja da Noruega)

BOLETIM SOCIOAMBIENTAL Edição: Maria Inês Zanchetta – editora (MTB 11.616-SP) Jornalistas: Fernanda Bellei; Julio Cezar Garcia; Oswaldo Braga de Souza

Ilustrações e logomarca: Rubens Matuck; **Projeto gráfico e editoração eletrônica:** Ana Cristina Silveira. **Visite nosso site:** www.socioambiental.org

ISA SÃO PAULO Av. Higienópolis, 901, 01238-001, São Paulo (SP), tel: (11) 3515-8900 / fax: (11) 3515-8904, isa@socioambiental.org • **ISA BRASÍLIA** SCLN 210, bloco C, sala 112, 70862-530, Brasília (DF), tel: (61) 3035-5114 / fax: (61) 3035-5121, isadf@socioambiental.org • **ISA MANAUS** Rua Costa Azevedo, 272, 1º andar, Largo do Teatro, Centro, 69010-230, Manaus (AM), tel/fax: (92) 3631-1244/3633-5502, isamao@socioambiental.org • **ISA BOA VISTA** R. Presidente Costa e Silva, 116, 69390-670, Boa Vista (RR), tel: (95) 3224-7068 / fax: (95) 3224-3441, isabv@socioambiental.org • **ISA SÃO GABRIEL** Rua Projetada, 70, Centro, Caixa Postal 21, 69750-000, São Gabriel da Cachoeira (AM), tel/fax: (97) 3471-1156, isarm@socioambiental.org • **ISA CANARANA** Rua Redentora, 362, Centro, 78640-000, Canarana (MT), tel: (66) 3478-3491, isaxingu@socioambiental.org • **ISA EL DORADO** Residencial Jardim Figueira, 55, Centro, 11960-000, Eldorado (SP), tel: (13) 3871-1697, isaribeira@socioambiental.org